

DOSSIÊ PSICOLOGIA, POLÍTICA E SEXUALIDADES: CRISES, ANTAGONISMOS E AGÊNCIAS

O Conceito de Violência Atmosférica em Fanon: contribuições aos Estudos de Gênero

Fabício Ricardo Lopes*

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3356-8175>

Maria Juracy Filgueiras Toneli**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9311-5020>

João Manuel de Oliveira***

Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, Lisboa, Portugal
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2793-2946>

RESUMO

Este artigo objetiva colocar em evidência o debate acerca da categoria de violência em Fanon, com o objetivo de discutir seu uso também para os estudos de gênero. Faz-se isso a partir da análise de um conceito específico de sua obra e ainda pouco discutido: violência atmosférica. Diante de um número expressivo de produções acadêmicas sobre este autor no Brasil, este trabalho busca contribuir para o debate em torno deste conceito, na direção de percorrer os momentos em que ele é debatido pelo autor e também algumas das reações ao seu pensamento. É possível afirmar que Fanon apresenta uma epistemologia contracolonial da violência e que esse debate é um fio condutor em seus escritos. Como epistemologia, defende-se que o uso da categoria de violência em Fanon possa ser deslocado também ao campo dos estudos de gênero, de modo a compreender as diferentes formas que a violência se objetiva, bem como os contextos em que ela ocorre.

Palavras-chave: Frantz Fanon, violência atmosférica, gênero.

The Concept of Atmospheric Violence by Fanon: contributions to Gender Studies

ABSTRACT

The purpose of this work is to put in evidence the debate around the category of violence by Fanon, with the objective of discussing its need to gender studies, too. We've done it from the analysis of a specific concept of his literary work that it is still little discussed: atmospheric violence. Facing an expressive number of academic works about this author in Brazil, this one looks for contributing with the discussion over this concept, to go through the moments when the subject is debated by the own author and some reactions about his thought. It's possible to affirm that Fanon shows a countercolonial epistemology and that this debate is a connection on his writings. As epistemology we defend that the violence category using by Fanon can be also moved to the gender studies area, in a way to understand the different manners which the violence is objectified as well as those contexts where it occurs.

Keywords: Frantz Fanon, atmospheric violence, gender.

El Concepto de Violencia Atmosférica en Fanon: aportes a los Estudios de Género

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mostrar el debate sobre la categoría de violencia en Fanon, con el objetivo de discutir también su uso para los estudios de género. Para ello partimos del análisis de un concepto específico de su obra que es aún poco discutido: la violencia atmosférica. Frente a un número llamativo de producciones académicas sobre este autor en Brasil, este trabajo busca contribuir al debate en torno a este concepto, recurriendo a los momentos en que tal concepto es debatido por el autor y también a algunas de las reacciones a su pensamiento. Es posible afirmar que Fanon desarrolla una epistemología contra colonial de la violencia y que este debate es un hilo conductor en sus escritos. Como epistemología, argumentamos que el uso de la categoría de violencia en Fanon también puede trasladarse al campo de los estudios de género, con el fin de comprender las diferentes formas en que ésta se materializa, así como los contextos en los que se produce.

Palabras clave: Frantz Fanon, violencia atmosférica, género.

Neste texto colocamos em evidfncia o debate acerca da categoria de violfncia em Fanon, com o objetivo de discutir seu uso tambfm para os estudos de gfmnero. Fazemos isso a partir da anflise de um conceito especfco ainda pouco discutido: o conceito de violfncia atmosférica. Esse termo aparece, num primeiro momento, em seu texto ‘*Os condenados da terra*’ e, mesmo que o autor nfo tenha empreendido esforos teóricas em conceituá-lo ou defini-lo, veremos que acompanha suas obras como uma espécie de fio condutor do seu pensamento. Para fazermos esse debate, colocamos as discussões de Fanon, a respeito da violfncia atmosférica em particular e o debate da violfncia de modo geral, em diálogo com seus comentadores, apresentando as reações ao seu pensamento.

Frantz Omar Fanon era francfs, da ilha de Martinica, psiquiatra, filósofo e intelectual da diáspora africana. Segundo sua própria definição de um homem negro: “[...] o negro nfo é um homem. [...] o negro é um homem negro”. (Fanon, 2008, p. 26). Parte dessa ideia para dizer que existe uma zona de nfo-ser, uma região árida, estéril, mas onde é possível renascer várias vidas. Para ele, “A maioria dos negros nfo desfruta [sequer] do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros infernos.” (Fanon, 2008, p. 26). A identidade do negro é inventada pelas mãos dos colonos, “... se estabelece no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.” (Fanon, 2008, p. 26), ou seja, para este autor, a negritude é resultado de processos históricos, econômicos e psicológicos que culminam na invenção de uma suposta identidade.

No célebre texto *Pele Negra, Máscaras Brancas*, rejeitado pela banca francesa que o avaliou e que se tratava do trabalho de conclusfo do seu curso de medicina na universidade de Lyon, na França em 1952, Fanon empreende uma anflise sobre a condição do negro em períodos e contextos de disputa colonial. Trata-se, segundo o próprio autor, de uma anflise “psicológica” na qual discute a relação dos processos de racialização com o advento e fortalecimento de um capitalismo selvagem e seus efeitos de produção subjetiva.

Os condenados da Terra, por sua vez, é um texto que Fanon escreveu no leito de morte, e é, ao mesmo tempo, manifesto e produção teórica, anflise psicológica e econômica. Tendo em vista as discussões presentes nesta obra, que passam, por exemplo, pelo marxismo e psicanálise, o texto desse autor é considerado a partir de múltiplas posições teóricas possíveis. Essa heterogeneidade de seu pensamento, acaba por posicioná-lo de formas diferentes a depender de qual ênfase e perspectivas de anflise são adotadas para compreendê-lo. Isso parece depor muito mais a favor de sua importância do que de sua correspondência à intelectualidade colonial das universidades embranquecidas, que nfo permitem concomitâncias teóricas e analíticas.

É evidente que as contribuições de Fanon sobre a violência devem ser compreendidas avaliando o cenário específico e as intenções políticas que ele pretendia em seus trabalhos. Há em seu pensamento, no entanto, caminhos profícuos para a compreensão da violência na atualidade e, inclusive, para a compreensão de matrizes não só raciais, mas também de gênero, precisamente em função da forma como este autor concebe a categoria de violência.

Para oferecer essa discussão, dividimos este texto em duas partes. Na primeira delas localizamos o conceito em si. Buscamos evidenciar em que momento da obra de Fanon ele aparece, assim como as influências teóricas que recebeu e que contribuíram para discussões que ele apresenta. Em seguida, mostramos algumas reações ao seu pensamento, sobretudo no tocante às discussões relacionadas diretamente à temática da violência.

Sobre a Violência Atmosférica em Fanon

A análise que Fanon emprega é, precisamente, uma análise psicológica, como ele mesmo defende, o que não significa dizer que seja uma análise no sentido individual, mas antes empenhada em compreender os efeitos violentos dos processos de colonização em sua relação com a formação subjetiva dos sujeitos. (Fanon, 1968; 1980; 2008).

O autor aponta os mecanismos de sujeição do negro, e afirma que sua tomada de consciência, ou seja, sua desalienação, só seria possível a partir de uma tomada de consciência dessas estruturas de opressão. “Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão.” (Fanon, 2008, p. 28).

Para compreendermos melhor o que defende Fanon (1968; 1980; 2008) quanto a sua ideia de violência, é preciso percorrer um certo caminho que o antecedeu. Aqui destacamos a influência da obra de Aimé Césaire, publicada originalmente em 1955, sobre os escritos fanonianos e, além dela, a amizade entre os dois. Césaire, assim como Fanon, era martinicano, oriundo dessa pequena colônia francesa localizada no Caribe, e foi também seu professor. Foi um grande incentivador de Fanon para que ele publicasse seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas*, após o texto ter sido rejeitado pela banca que o avaliou.

Césaire (1978) foi pioneiro na denúncia sobre as violências causadas pelo colonialismo europeu. O autor cunha a equação: “... colonização = coisificação.” Segundo ele o processo de colonização desciviliza não apenas colonizados, mas também colonizadores, que despertam “... para os instintos mais ocultos, para a cobiça, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral ...” (Césaire, 1978, p. 17).

Um dos principais exemplos discutidos por Césaire (1978) é o do nazismo. A Segunda Guerra Mundial acabara recentemente - pensando a época de sua primeira edição - e ele questiona a surpresa europeia com a violência cometida durante o holocausto. Não se trata de um crime em si mesmo sendo questionado, o que é questionado nesse caso é “... o crime contra o homem branco e o ter aplicado à Europa ...” (Césaire, 1978, p. 18).

... ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização - portanto, a força - é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (Césaire, 1978, p. 21)

No livro ‘*Em defesa da Revolução Africana*’ (1980), publicado postumamente, ficam ainda mais evidentes as influências do pensamento de Césaire na vida e obra de Fanon. Como dito, ambos martinicanos, o primeiro empenhou seus esforços na compreensão do colonialismo, colocando em pauta a negritude do povo da ilha de Martinica. Fanon (1980) afirma que Césaire foi responsável pela primeira experiência metafísica que viveram os martinicanos. A saber, a obra de Césaire impactou a colônia na direção da autopercepção como povo negro, isto porque, esta colônia viveu a guerra alinhada aos interesses franceses em detrimento do povo árabe e africano.

Antes de 1939, o Antilhano voluntariamente alistado no exército colonial, analfabeto ou sabendo ler e escrever, servia numa unidade europeia, enquanto o Africano, à exceção dos originários dos cinco territórios, servia numa unidade indígena. O resultado, para o que queremos chamar a atenção é que, fosse qual fosse o domínio considerado, o Antilhano era superior ao Africano, de uma outra essência, assimilado ao metropolitano. (Fanon, 1980, p. 24)

Para Césaire (1978), embora o discurso do colonizador apareça revestido de uma ideia de progresso, definitivamente não é isso que ocorre nas colônias, esse progresso só ocorre nas metrópoles coloniais, alimentadas com a exploração das colônias. Para ele, enquanto o discurso colonialista fala de realizações, doenças curadas, ele entende que o que existe realmente são “... sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de

instituiçfies minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificfencias artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas.” (Césaire, 1978, p. 25).

Fanon, por sua vez, compreende o mundo colonial a partir da mesma ideia de compartimentalizaçfio. Segundo ele, há uma divisfio bastante evidente no mundo colonial entre a cidade do colono e a cidade do colonizado. “A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada ...” (Fanon, 1968, p. 28). O mesmo já não se pode dizer da cidade do colonizado, “... um lugar mal afamado, povoado por homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros e as casas umas sobre as outras” (Fanon, 1968, p. 29).

Embora sejam evidentes as aproximaçfies entre esses autores, há um distanciamento importante no pensamento entre eles e que está assente, justamente, na ideia do que vem a ser o povo negro. Para Césaire, há algo eminentemente bom na ideia de tornar-se negro e discute isso como a negritude. Fanon percebe essa afirmaçfio e ratifica que sim, perceber essa negritude foi um passo muito importante ao povo das Antilhas, uma experiênciametafísica, segundo ele. Contudo, para Fanon (1980) a negritude não se associa diretamente a essa experiênciametafísica de autoconhecimento, mas ela é, definitivamente, uma invençfio do colonizador. O negro é inventado, construído pela exploraçfio colonialista e supor a existfencia de um único povo negro é supor confluências entre eles que na verdade não existem. Em suas palavras, “Quando se diz povo negro, supfio-se sistematicamente que todos os negros estão de acordo sobre certas coisas; que existe entre eles um princípio de comunhã. A verdade é que não existe nada, a priori, que permita supor a existfencia de um povo negro.” (Fanon, 1980, p. 22).

Nesse sentido, Fanon (1980) traz outra contribuiçfio ao debate da negritude que Césaire (1978) discutiu pouco. Trata-se dessa oscilaçfio de sentido sobre ser negro. Para Fanon (1980) é uma categoria variante que se veste de outras faces, sobretudo, de acordo com a realidade econômica de cada local. Além disso, Fanon (1980) reflete, portanto, sobre a imposiçfio desse significante racial na realidade psíquica desses sujeitos negros inventados pela modernidade.

Ser um intelectual negro na Martinica, por exemplo, lhe confere certo prestígio, mas diante da realidade francesa além da colfonia, essa estrutura racial inventada pelos europeus se objetifica de outras formas, ainda mais violentas.

Apesar da maior ou menor carga de melanina, existe um acordo tácito que permite a uns e a outros reconhecerem-se como médicos, comerciantes, operários. Um negro

operfrio estarf do lado do mulato operfrio contra o negro burgues. Temos aqui a prova de que as histfrias raciais sf apenas uma superestrutura, um manto, uma surda emanafio ideolfgica que se despe de uma realidade econfmica. (Fanon, p. 22, 1980)

Sendo assim, para Fanon (1980) o racismo f, necessariamente, cultural. Essa invenfio do negro f parte central de um processo de racializafio que, num primeiro momento, afirma a existfncia de grupos humanos sem cultura, para em seguida hierarquizf-los e, por fim, relativizf-los (Fanon, 1980).

Racismo e cultura teriam entfo uma afio recfproca. “Se a cultura f o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascidos do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo f, sem sombra de dufida, um elemento cultural.” (Fanon, 1980, p. 36). O racismo, entfo, como cultura, contrapfio as ideias de um racismo individual que se pretende justificar pela ordem genotfptica e fenotfptica. Para Fanon (1980) ele se desloca e assume seu papel como cultura e funda, em suas palavras “... uma certa forma de existir.” (p. 36). Para alfm disso, f categorico ao afirmar: “Temos de procurar, ao nfvil da cultura, as consequfncias deste racismo.” (p. 37). A criafo desta certa forma de existir f, precisamente, a criafo de uma atmosfera de violfncia que nf surge a partir do racismo, mas f parte de sua prfpria invenfio.

Violfncia atmosffrica, portanto, f esse espectro, presente em todos os lugares na cena colonial e para alfm dela. Permanece fincada fs estruturas imperialistas dominando a vida nacional. “Este homem objeto, sem meios de existir, sem razfo de ser, f destrufido no mais profundo da sua existfncia.” (Fanon, 1980, p. 39) Funda-se, assim, essa atmosfera de violfncia que, em suas palavras: “... depois de ter impregnado a fase colonial, continua a dominar a vida nacional.” (Fanon, 1968, p. 62).

Em seu texto *Os condenados da terra* (1968), o conceito de violfncia atmosffrica aparece numa tentativa de Fanon de explicar o que f, entfo, essa violfncia presente no processo de colonizafio. Buscando responder quais as faces dessa violfncia, chega f conclusfo de que mais do que imposta ao colonizado ela f, tambfm, usada por ele como ferramenta de libertafio. “Como vimos, [a violfncia] f a intuifio que tm as massas de que sua libertafio deve efetuar-se, e sf pode efetuar-se, pela forfa.” (Fanon, 1968, p. 56).

Fanon quando afirma a existfncia de uma atmosfera de violfncia, afirma tambfm uma tomada de conscifncia do povo colonizado que na mesma violfncia que recebe, encontra meios para ressignificf-la e enfrentf-la.

O povo colonizado não está só. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras permanecem permeáveis às novidades, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica [grifos nossos], escala aqui e ali, e aqui e ali derrota o regime colonial. Essa violência triunfante desempenha um papel não somente informador como também operativo para o colonizado. (Fanon, 1968, p. 53)

Essa violência, portanto, está presente nas mãos do colono, mas está também nas mãos dos colonizados. Em seu livro *'Em defesa da Revolução Africana'* (1980), reunião de escritos clínicos e jornalísticos, Fanon faz a mesma referência à ideia de violência como atmosférica, mas nomeando-a, precisamente, a partir da noção de racismo. Segundo ele, "... a atmosfera racista impregna todos os elementos da vida social." (Fanon, 1980, p. 45).

Em ambas as obras, o contexto dessa afirmativa é o mesmo: a possibilidade que tem o colonizado de agir, também, pela violência, contra o extermínio de suas culturas e sistemas de referência na cena das disputas coloniais. Percebemos com isso que Fanon (1968; 1980) toma a violência como produtora de sentidos e não apenas como coercitiva.

"O racismo não é, pois, uma constante do espírito humano." (Fanon, 1968, p. 45). Definitivamente, o que nos ensina Fanon é que o racismo se inscreve em sistemas determinados e que não se deve afirmar que alguns países são mais racistas do que outros por existirem sistemas de linchamentos, por exemplo, mas que ele se insere também nessas virtualidades, latências, dinâmicas, na vida psico-afetiva e econômica das pessoas (Fanon, 1968).

No entanto, diante da mesma violência, há a possibilidade de descoberta desses sistemas subjugados, um reencontro com a tradição, como afirma Fanon (1968).

Essa redescoberta, esta valorização absoluta de modalidade quase irreal, objetivamente indefensável, reveste uma importância subjetiva incomparável. Ao sair desses esponsais apaixonados, o autóctone terá decidido, com conhecimento de causa, lutar contra todas as formas de exploração e de alienação do homem. (Fanon, 1968, p. 47)

Fanon (1968; 1980; 2008) oferece, então, pistas de que a violência é uma das categorias fundamentais de sua obra. Isto porque sob a violência e o racismo como cultura, o psiquismo se funda numa dialética não apenas entre dominação e liberdade, mas como um

emaranhado complexo de influências sobre os sujeitos racializados, através dos quais certa possibilidade de (re)existência se apresenta.

A violência é atmosférica, portanto, não só pelas várias possibilidades de seu uso, mas por como impacta os sujeitos e impregna todo o tecido social. As próprias cidades redimensionam - muitas vezes fundam - sua arquitetura em função de um processo violento. Segundo Fanon (1980) existem duas cidades distintas, uma para colonos outra para colonizados. Em suas palavras, a cidade do colono,

É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas. Os pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. ... A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros.” (Fanon, 1968, p. 28)

A cidade dos colonizados, por sua vez:

... se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade: 'acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes. (Fanon, 1968, p. 29)

A compartimentalização do mundo é um efeito direto dessa atmosfera de violência colonial. Para Fanon (1968), neste mundo que se divide em compartimentos, habitam seres muitos distintos, espécies opostas. Em suas palavras “... o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça” (Fanon, 1968, p. 29).

Por este caminho também reside parte das análises psicológicas do autor. Diante da violência colonial e da compartimentalização do mundo, resta ao sujeito colonizado ter seus próprios desejos violentados e modificados. Diante, portanto, da insurgência de uma cidade do colono, funda-se a inveja do colonizado, bem como seu complexo de inferioridade que o faz desejar ser parte da estrutura que o oprime. “O olhar que o colonizado lança para a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse” (Fanon, 1968, p. 29).

O colonizado tem seus sistemas de referência completamente subsumidos aos do colono que destruiu modelos de economia, vestuário e modos de relações do colonizado. Este,

por sua vez, diante do cenário violento, evoca, por um lado o desejo de se tornar parte da realidade e da cidade do colono, por outro um desejo imediato de também explodir o mundo colonial (Fanon, 1968, p. 30).

Esse efeito compartimentalizado da vida colonial, que cria condições diametralmente opostas de existência, não se mantém, também, sem violência. A estrutura policial se funda em nome da proteção aos valores do colono, que lança mão de seus poderes para limitar fisicamente esses espaços e o trânsito entre eles. Faz mais do que isso. Nas palavras de Fanon (1968)

Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. ... o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade do colonizado não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor jamais habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação dos valores. É, usemos confessá-lo, o inimigo dos valores. Nesse sentido, é o mal absoluto. (Fanon, 1968, p. 31)

Uma vez instalada a violência colonial que compartimentalizou e hierarquizou as existências, instaurou mão de obra para seguir limitando os espaços e cerceando os trânsitos, o colono não mais insiste em apenas coexistir. O colono não pretende, necessariamente, ficar no território colonizado. As suas estratégias de violência vão além da divisão de territórios. O colono busca alinhar-se às “elites” do colonizado a fim de fazer perpetuar seus comandos. “É com estas elites que se trava o conhecido diálogo sobre os valores”. (Fanon, 1968, p. 33). Sobre isso Fanon (1968) afirmou que acontece uma espécie de combate de retaguarda, o que significa dizer que, para além da disputa pelo domínio de um território, acontece também uma disputa no terreno da cultura, dos valores e das técnicas dos sujeitos colonizados. (Fanon, 1968, p. 33). Para ele, participam nesse processo alguns intelectuais que se rendem ao diálogo com a burguesia colonialista. O autor, ao afirmar a existência de uma violência atmosférica afirma, portanto, um cenário tenso. A disputa que começa pelo território traz consigo um pacote normativo que extrapola essas intenções.

Reações ao Pensamento de Fanon

A categoria de violência no pensamento de Fanon foi algo bastante debatido entre alguns dos estudiosos de seu pensamento. Discutindo especificamente o seu texto *Os Condenados da Terra*, apresentamos aqui as análises feitas por Jean-Paul Sartre, Gayatri Chakravorty Spivak e Judith Butler. É nesta obra, como já mencionado, que o conceito de violência atmosférica surge pela primeira vez e as análises desses três debatedores incide precisamente sobre a ideia de violência da obra fanoniana.

Sartre escreve o prefácio original da obra e Spivak faz uma análise subsequente que contesta algumas afirmações do filósofo francês. No prefácio sartreano, fica imediatamente evidente certo conhecimento do pensamento de Fanon, uma vez que inicia o texto afirmando parte das discussões já feitas pelo martinicano. Nessa espécie de preâmbulo, Sartre menciona a insistência europeia em disputar certas consciências. “A elite europeia ... selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental ...”. (Sartre, 1968, p. 3). Essa passagem guarda relações com o debate de Fanon em torno de uma certa disputa daquilo que ele nomeou como disputa de retaguarda, indicando que além da disputa pelo território em si, há uma disputa direta, também, no terreno da cultura e das consciências.

O filósofo francês indica, a seguir, que a suposta descolonização possa ter gerado efeitos diretos também no modo como os europeus enxergam a realidade nas colônias. Segundo ele “As bocas passaram a abrir-se sozinhas ... De início houve um espanto orgulhoso: Quê! Eles falam por eles mesmos!” (Sartre, 1968, p. 4), e, “com incrível paciência” surgiu uma nova geração de sujeitos nas colônias que passaram a explicar a incompatibilidade dos valores europeus em relação aos dos sujeitos colonizados (Sartre, 1968).

Em sua primeira citação direta à obra de Fanon (1968) menciona como este autor denuncia um avanço desordenado da Europa e como era grande a velocidade dessa expansão, o que estaria levando-a, de certa forma, a um abismo do qual os sujeitos colonizados buscam se afastar. Segundo Sartre, Fanon quis dizer que a Europa “... está atolada”. (Sartre, 1968, p. 5) Em seguida afirma que esta é uma verdade não tão boa de se dizer e passa, aqui, a endereçar seu texto a certos leitores, ao dizer: “Uma verdade que não é boa de dizer mas da qual – não é mesmo, meus caros co-continentais? – estamos todos convencidos” (Sartre, 1968, p. 5).

Para Butler (2021), por exemplo, h! algo imediatamente estranho e pol!mico justamente no modo de endereamento sobre o qual o texto de Sartre foi escrito. O filfoso aciona a ideia de irm!os europeus e co-continentais, para os quais ele teria endereado seu texto e indica que Fanon, em sua obra, lida com os seus prfpios irm!os. Em suas palavras: “Eis o que Fanon explica a seus irm!os da !frica, da !sia, da Am!rica Latina: realizaremos todos em conjunto e por toda a parte o socialismo revolucion!rio ou seremos derrotados um a um por nossos tiranos”. (Sartre, 1968, p. 7) Para Butler (2021, p. 224), ao fazer essa disti!o, Sartre acaba por delinear duas zonas distintas de masculinidade quando imagina que Fanon fala com seus irm!os colonizados, enquanto ele aos seus irm!os europeus. Segundo ele:

! a seus irm!os que ele denuncia nossas artimanhas, para as quais n!o dispomos de sobressalentes. ... Europeus, abri este livro, entrai nele. Depois de alguns passos na noite, vereis estrangeiros reunidos ao p! do fogo, aproximai-vos, escutai: eles discutem a sorte que reservam !s vossas feitorias, aos mercen!rios que as defendem. (Sartre, 1968, p. 9)

A dualidade exercida por Sartre, ao afirmar n!o apenas a quem endere! seu texto, mas tamb!m a quem Fanon endere! o seu, acaba por reforar certo manique!smo prfprio do sistema colonial, mas faz mais do que isso, produz uma narrativa sobre a obra do martinicano que ! limitante considerando seus objetivos e reduz a obra a uma escrita entre iguais. Para Butler (2021, p. 225), tal endereamento do prefaciador indica que: “... o texto de Fanon ! uma conversa apresentada como conversa *entre* homens colonizados, e o pref!cio de Sartre ! menos uma conversa entre colonizadores do que um apelo ... para que a Europa leia como se ouvisse uma conversa que n!o est! ali para ele”.

Al!m do problema de endereamento, ! importante destacar a leitura que Sartre faz da viol!ncia presente na situa!o colonial. Em primeiro lugar assume que “A viol!ncia colonial n!o tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumaniz!-los”. (Sartre, 1968, p. 9). Essa defini!o n!o se afasta imediatamente das defini!es que Fanon apresenta de viol!ncia, no entanto, Sartre indica que h! no processo de descoloniza!o algo que escapa, precisamente, de uma contradi!o do colono e n!o da for!a do sujeito colonizado.

Segundo ele, domesticar um sujeito pode custar mais do que produz e que “Por esse motivo os colonos veem-se obrigados a parar a domestica!o no meio do caminho. ... Pobre colono: eis sua contradi!o posta a nu”. (Sartre, 1968, p. 10) Para Sartre, essa ! uma

contradição fundante que culmina no enfraquecimento das foras colonizadoras, o que pode levar ao processo de descolonizaao, no sem antes ter permitido ao colono reinar por um tempo.

Em suas palavras: “Leimos Fanon: descobriremos que, no tempo de sua impotncia, a loucura sanguinria e o inconsciente coletivo dos colonizados.” (Sartre, 1968, p. 12). Sartre teme a ideia de violncia que Fanon apresenta, precisamente porque a interpretou de forma radical e no como efeito direto do processo de colonizaao. Ele conclui que uma das ideias centrais do autor e que os movimentos sociais se reiniciem e que o necessrio e que “... os camponeses lancem sua burguesia ao mar” (Sartre, 1968, p.7). Diante de tal constataao Sartre pergunta: “No teme ele [Fanon] que as potncias coloniais tirem proveito de sua sinceridade? No. No teme nada”. Para Sartre, a obra valida a violncia por si mesma e essa categoria no possui um sentido *a priori*, e apenas um efeito, como afirma, desse rastro inconsciente e coletivo.

No prefacio ao documentrio *Concerning violence: nine scenes from the anti-imperialistic self-defense* (Sobre a violncia: nove cenas de autodefesa anti-imperialista), que recorre a imagens dos arquivos da Africa colonizada enquanto Lauryn Hill le o primeiro capitulo de *Condenados da Terra* (Fanon, 1968), dirigido por Goran Hugo Olsson, Spivak faz a leitura de seu prprio prefacio que posteriormente publica. Sua leitura da obra de Fanon (1968) se afasta em varios pontos daquela realizada por Sartre (1968), sobretudo no tocante a discussao da violncia.

Para Spivak (2013/2020), Fanon concebe a luta anticolonial sob a perspectiva de uma nova visao global de mundo e no necessariamente a partir de uma ideia restrita a formacao de novos estados-naao dentro do ideal entre dominacao e opressao da Europa. Numa analise bastante proxima, Butler (2021) em leitura de Homi Bhabha (2004) tambem defende que o pensamento de Fanon seja “... uma critica incisiva dessas polaridades em nome de um futuro que introduzira uma nova ordem das coisas” (Butler, 2021, p. 233).

A analise de Spivak (2013/2020) refora o fato de que Fanon no era um argelino, embora lutasse pela independencia daquele pais. Para ela, obra e vida coexistem, nesse caso. Segundo a autora, uma importante mensagem deixada por Fanon esta precisamente no fato dele no ser do pais que ajudava, o que condiz com seu pensamento quando defende uma nova visao global do mundo e no apenas no sentido restrito de seus estados-naao. (Spivak, 2013/2020) “Trata-se de aprender a licao de que a mera libertacao nacional sem a pratica da liberdade no pode, de fato, proporcionar um mundo socialmente justo as pessoas muito pobres”. (Spivak, 2013/2020, p. 210) e acrescenta: “Ele consagrou o seu tempo e as suas

habilidades profissionais ao alvio daqueles que sofreram alguma violncia” (Spivak, 2013/2020, p. 207).

Para a autora, todas as geraes deveriam ser formadas a partir de prticas de cuidado e de liberdade, tal como Fanon defendeu e exerceu durante sua breve vida. Por outro lado, precisamente isso que a colonizao impede (Spivak, 2013/2020, p. 208). Segundo ela, “Trata-se to somente de que, dentro da lgica gananciosa de acumulao do capital, a colonizao permite ao racismo ignorante j existente disseminar-se nos mercados em nome da civilizao ou da globalizao, como acontece hoje em dia” (Spivak, 2013/2020, p. 208-209).

Spivak (2013/2020) tambm categorica ao afirmar que Sartre, ao interpretar o texto de Fanon, compreendeu:

... como sendo um aval a violncia em si. Sartre no leu nas entrelinhas, onde Fanon insiste que a tragdia precisamente que as pessoas muito pobres estavam reduzidas a violncia, porque no h outra resposta possvel diante de uma ausncia absoluta de alternativas e de um exerccio absoluto da violncia legitimada pelos colonizadores. (Spivak, 2013/2020, p. 209)

Do mesmo modo, Butler (2021) tambm compreende que a viso sartriana trata a violncia contrainsurgente “... como se fosse uma reao determinada ou mecanizada e no fosse *precisamente* [grifo da autora] a deciso determinada ou deliberada de um conjunto de sujeitos polticos engajados em um movimento poltico” (Butler, 2021, p. 236).

Spivak (2013/2020) reconhece o esforo de Fanon em empreender uma anlise tambm psicolgica da violncia, entendendo que um dos maiores esforos dos colonizadores justamente “... destruir a mente dos colonizados e forar-los a aceitar a mera violncia – sem permitir nenhuma prtica de liberdade” (Spivak, 2013/2020, p. 210).

O que comum nas anlises apresentadas acima, de Sartre, Spivak e Butler a certeza da influncia hegeliana no pensamento de Fanon. Em sua obra (1968; 1980; 2008), muitas so as pistas da assimilao que Fanon faz em torno da dialtica do senhor e escravo proposta por Hegel. O prprio conceito de alienao tambm advm dessa leitura de Fanon sobre a obra daquele filsofo.

Alm destes, a ideia de reconhecimento, a partir da mesma analogia senhor e escravo, tem fundamental participao em suas ideias. Isto porque, na dialtica hegeliana, o escravo escapa da situao de dominao quando se reconhece como conscincia independente e no

apenas escravo. Essa forma de pensar a relaçafo dominado/dominador tem peso na obra de Fanon, que avana em alguns sentidos, ao afirmar que, precisamente os efeitos psquicos do racismo interferem nessa possibilidade de superaçafo em funçafo de um processo de embranquecimento do negro, que adquire certo complexo de inferioridade em relaçafo ao branco (Fanon, 2008).

Para Hegel (1988), “A consciencia de si e em si e para si quando e por que e em si e para si para outra; quer dizer, so e como algo reconhecido” (Hegel, 1988, p. 126). Significa dizer que a consciencia de si, so existe em essencia, a partir do contato com outra consciencia de si, aqui reside a dialetica hegeliana. Para que haja consciencia de si, e necessaria outra consciencia de si, que esteja fora de si (Hegel, 1988).

O que ocorre nesse processo e precisamente a necessidade que uma das consciencias tem de suprasumir esse seu ser Outro e fora de si. “... primeiro deve proceder a suprasumir a outra essencia independente, para assim vir a ser a certeza de si como essencia; segundo, deve proceder a suprasumir a si mesma, pois ela mesma e esse Outro” (Hegel, 1988, p. 126).

No entanto, embora essa definicao de consciencia de si pareca contar um processo simples e direto, para Hegel (1988) esse tipo de reconhecimento de si so e possivel no encontro dos movimentos que cada Outro faz na direcao de si e do Outro. Segundo o autor, esse nao e o encontro com um objeto, como quer o desejo, e o encontro com Outro independente, “... portanto nada pode fazer para si, se o objeto nao fizer em si o mesmo que ela nele faz. O movimento e assim, pura e simplesmente, o duplo movimento das duas consciencias de si” (Hegel, 1988, p. 128). Agir de forma unilateral, para Hegel, e um agir inutil.

O duplo movimento a que Hegel (1988) se refere, implica justamente no processo de reconhecimento. Uma vez que so existe consciencia de si a partir de uma consciencia fora e suprasumida de si, e para alem disso, num movimento reciproco, o reconhecimento so acontece a partir de um certo processo de mediacao. “Eles se reconhecem como reconhecendo-se reciprocamente” (Hegel, 1988, p. 128).

Esse encontro, portanto, insere nao apenas uma outra consciencia de si, independente, mas a certeza de sua existencia implica tambem na negacao da propria consciencia de si. Perceber o Outro, nesse caso, e perceber, tambem, a propria finitude enquanto vida. “Surgindo assim imediatamente, os individuos safo um para o outro, a maneira de objetos comuns, figuras independentes, consciencias imersas no ser da vida” (Hegel, 1988, p. 129). O encontro, simplesmente, nao indica uma abstracao absoluta da consciencia de si. Para o autor,

reside numa certa definiofo de agir duplicado o sentido da apresentao de uma consciencia de si a outra.

... o agir do Outro e o agir por meio de si mesmo. Enquanto agir do Outro, cada um tende, pois, a morte do Outro. Mas ai estfo tambem presente o segundo agir, o agir por meio de si mesmo, pois aquele agir do Outro inclui o arriscar a prfopria vida. Portanto, a relao das duas consciencias de si e determinada de tal modo que elas se provam a si mesmas e uma a outra atraves de uma luta de vida ou morte. (Hegel, 1988, p. 129)

Nesse sentido ocorre a dissolucao de certa unidade da consciencia. O meio termo do caminho se desmorona e ficam os extremos opostos. “Os dois momentos sfo como duas figuras opostas da consciencia: uma, a consciencia independente para a qual o ser para si e a essencia; outra, a consciencia dependente para qual a essencia e a vida, ou o ser para o Outro. Uma e o senhor, outra e o escravo” (Hegel, 1988, p. 130).

Embora Fanon (2008) dialogue com Hegel (1988), ele se afasta em alguns sentidos de sua tese sobre o reconhecimento. Para Hegel (1988) como dito, a consciencia de si so e possivel mediante outra consciencia de si num processo de evidente reciprocidade. Ja segundo Fanon (2008), em sua obra, “... o senhor difere essencialmente daquele descrito por Hegel. Em Hegel ha a reciprocidade, aqui o senhor despreza a consciencia do escravo” (Hegel, 2008, p. 183).

Faustino (2020) por exemplo, entende que reside ai a grande originalidade do argumento fanoniano, sobretudo nessa relao de seu pensamento com a dialetica hegeliana. Para este autor, Fanon partilha do pressuposto hegeliano de que as identidades se fundam a partir de uma relao reciproca com sua alteridade, mas tambem entende que “A interdicao colonial do reconhecimento e um decaimento da dominacao politica para o *status* de negao da humanidade” (Faustino, 2020, p. 459).

Por fim, Spivak (2013/2020) apresenta uma provocao importante ao final de seu texto. Segundo ela e preciso apresentar “... uma palavra sobre genero”. Para a autora, as guerras em torno da libertacao nacional, de certo modo, colocam as mulheres em uma suposta posicao de igualdade, no entanto, mesmo na chamada era ps-colonial, as mulheres seguem submetidas as estruturas em torno de certa ordem do genero. Para ela “... o aval ao estupro persiste nao apenas na guerra, mas tambem, independentemente se uma nao estfo em desenvolvimento ou e desenvolvida ...” (Spivak, 2013/2020, p. 211). E conclui: “O colonizador e o colonizado estfo unidos na violencia de genero” (Spivak, 2013/2020, p. 211).

Se por um lado Spivak (2013/2020) expoe certo limite da obra fanoniana, precisamente seu limite em interpretar as questoes relacionadas ao genero, por outro percebe-se que isso demonstra, tambem, que estamos tratando de uma obra que empregou seus esforcos na compreensao da violencia como metodo e nao suas objetificacoes propriamente ditas, muito embora a sua obra possua um recorte racial bastante explicito.

Em sua defesa sobre entender a violencia como vetor das praticas de dominacao, mas tambem de liberdade, Fanon expoe os efeitos de uma violencia, para ele, atmosferica, que redimensionam territorios inteiros, modificam a arquitetura das cidades e tambem disputam as consciencias dos colonizados em torno de uma suposta hegemonia de pensamento europeu, buscando, inclusive, formar supostas identidades. Sob esta definicao, a ideia de violencia atmosferica parece contribuir para os estudos de genero, indicando que a violencia, na verdade, citando Butler (2021, p. 237) se movimenta.

Enquanto para Spivak (2013/2020) Fanon insiste na ideia de que a violencia do colonizado existe em funcao da ausencia total de alternativas para romper a dominacao, e preciso aprofundar essa questao e questionar: nas maos do colonizado, a violencia continua sendo a mesma do colonizador?

Retornando a analise de Sartre (1968) a resposta seria sim, pois a violencia do colonizado e, segundo ele, um reflexo que vem do fundo de um espelho ao encontro dos colonizadores. Para Butler (2021) a resposta seria justamente a contraria: essa e uma falsa simetria. Nesse sentido, acrescentamos que a violencia do colonizado possui certa dimensao de agencia, o que permite colocar em dialogo esse conceito de violencia atmosferica de Fanon com o conceito de agencia conforme defendido por Mahmood (2019). Para a autora, "... agencia nao e simplesmente um sinonimo de resistencia a relacoes de dominacao, mas tambem uma capacidade para a acao facultada por relacoes de subordinaao especificas." (Mahmood, 2019, p. 135).

Sob esta definicao, as discussoes sobre agencia conforme feitas por Mahmood (2019), parecem confluir ao que propoe Fanon sobre a violencia. Nesse sentido, e necessario pensar a agencia e, no caso deste texto, tambem a violencia como "... uma capacidade para a acao criada e propiciada por relacoes concretas de subordinaao historicamente configuradas." (Mahmood, 2019, p. 139).

Mahmood (2019) afirma que o processo de subjetivacao do sujeito implica que "... os mesmos processos e condicoes que garantem a subordinaao de um sujeito sao tambem os meios atraves dos quais ele se transforma numa identidade e agencia autoconsciente." (Mahmood, 2019, p. 149).

Tomando por base esta definioo entendemos que Mahmood (2019) pode contribuir na compreensao do debate fanoniano sobre a violncia. Segundo a autora, "As normas no sso apenas consolidadas e/ou subvertidas, mas tambm performadas, habitadas e experienciadas de vrias maneiras." (Mahmood, 2019, p. 152). Pensando por este ngulo, a violncia, tal como a norma, no se objetiva de maneira homognea, e o trnsito entre e com ela, pode ser refeito com base nos prprios termos que a fundam. A violncia atmosfrica em Fanon permite compreender essas matrizes de dominao para alm da perspectiva de subordinao, mas tambm como agncia e parte do processo de redescoberta do sujeito colonizado frente s opresses que o produzem.

Nesse sentido, o conceito de violncia atmosfrica torna-se fundamental para a compreensao da obra de Fanon, pois a partir dele o possvel perceber um fio condutor em seus escritos. Significa dizer que Fanon emprega uma certa epistemologia contracolonial da violncia, que foge da ideia binria entre dominao e liberdade, e que fornece pistas para compreender os efeitos da violncia colonial na formao dos sujeitos e tambm a sua dimenso criativa.

Como mostrou Lugones (2014), a colonizao incide, tambm, sobre os corpos e desejos dos sujeitos colonizados, imprime marcas na forma como lidamos com categorias de identidade e como elegemos a categoria de humanidade apenas para alguns grupos e excluimos desse campo inteligvel outros.

Nesse sentido, defendemos que o conceito de violncia atmosfrica pode ser empregado a anlises diversas, entre elas as questes relacionadas ao gnero. Sabemos, contudo, que outras formas de transportar as discusses de Fanon, para este campo, tambm so possveis, como por via dos feminismos negros. Neste trabalho, poro, fazemos o exerccio de trabalhar com o repertrio fanoniano para esse dilogo.

Consideraes Finais

Revisitar a obra de Fanon percorrendo seus sentidos acerca da violncia, em especial a respeito de seu conceito de violncia atmosfrica, nos parece importante para mostrar, por um lado, a atualidade de seu pensamento e por outro a sua possibilidade de trnsito para outros campos no debatidos profundamente pelo autor, como o campo dos estudos de gnero.

Podemos afirmar que a chave da violncia atmosfrica no pensamento de Fanon o no apenas um dos fios condutores de sua escrita, como pode ser utilizado na compreensao de

outros processos em que certa violncia se apresenta. Assim, defendemos seu uso para o campo, tambm, das violncias de gnero.

Nesse artigo optamos por apresentar o conceito de violncia atmosfrica conforme debatido por Fanon, mas colocando essa categoria em evidncia tambm a partir da reao ao seu pensamento. É precisamente a partir da ideia de violncia que vrias anlises foram tecidas em resposta aos textos do martinicano, indicando que se trata de uma temtica importante em sua obra que merece destaque. Indicamos a seguir alguns pontos sobre violncia atmosfrica.

A violncia, para Fanon,  atmosfrica na medida em que opera no somente do colonizador para o colonizado, como tambm no caminho contrrio. Ela é atmosfrica, tambm, pois seus efeitos extrapolam as disputas em torno dos territrios no interior de uma luta pela libertao nacional. A violncia, para Fanon, disputa tambm consciências e mais do que isso, as fundam.

A violncia  atmosfrica na medida em que reestrutura cidades, arquiteturas, circunscreve espaos possveis para determinados grupos circularem e outros no. Ou seja, pela violncia toda uma realidade é criada e no apenas uma realidade concreta, como no caso da compartimentalizao dos espaos, mas tambm uma realidade psquica, tal como defendida pelo autor.

Sendo a violncia, atmosfrica, ela é tambm uma prtica possvel pelos sujeitos colonizados. No fim das contas a violncia  uma performance, como toda norma é, para citar Mahmood (2019). Sendo assim, se movimenta e se objetifica de maneiras muito distintas a depender do contexto.

Como performance, para uns  opressiva, para outros criativa, resistente. O que nos oferece Fanon, portanto, é uma certa epistemologia contracolonial de violncia que no incide somente no uso da violncia, puramente, na resistência armada ao colonizador, mas violncia como categoria fundamental, em suas palavras, “na retomada de consciência”, do povo colonizado.

Como episteme, a categoria de violncia atmosfrica serve aos estudos de gnero para compreender, por exemplo, as cenas emblemáticas de violncia sob as quais as populaes trans estão submetidas no Brasil e de como ressignificar a ideia de violncia, a partir das propostas de Fanon, é um convite a pensar, tambm, sobre as práticas de resistência a ela.

Embora o conceito possa ser transportado para pensar outras temáticas, ele tambm apresenta certos limites, na medida em que o termo atmosfrico possa ser usado para acionar certa homogeneidade, algo presente em todos os lugares. O que defendemos aqui 

submetermos o prfprio uso do conceito com vistas a entender que, mesmo num processo atmosférico, a violênci tambem é uma prática com muitos sentidos.

Referências

- Bhabha, H. (2004). *Framing Fanon*. Grove.
- Butler, J. (2021). *Os sentidos do sujeito* (C. Rodrigues, Trad.). Autêntica.
- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá da Costa.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*. Civilização Brasileira.
- Fanon, F. (1980). *Em defesa da revolução africana*. Livraria Sá da Costa.
- Fanon, F. (2008). *Pele negras, máscaras brancas*. Universidade Federal da Bahia.
- Faustino, D. M. (2015). *Por que Fanon, Por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>
- Faustino, D. M. (2018). Frantz Fanon: Capitalismo, racismo e a sociogênese do capitalismo. *Ser Social*, 20(42), 148-163. <https://doi.org/10.26512/ser%20social.v20i42.14288>
- Faustino, D. M. (2020). *A disputa em torno de Frantz Fanon: A teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*. Intermeios.
- Hegel, G. W. F. (1988). *A fenomenologia do Espírito*. Vozes.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3), 935-952. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Mahmood, S. (2019). Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: Algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, 23(1), 135-175. <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>
- Mbembe, A. N. (2016). Necropolítica. *Arte e Ensaios*, (32), 122-151. <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>
- Sartre, J. P. (1968). Prefácio. In F. Fanon, *Os condenados da terra* (pp. 1-22). Civilização Brasileira.
- Spivak, G. (2020). “Preface to Concerning Violence” (C. J. Domingues Trad.). *Revista África e Africanidades*, 13(35), 1-12. <https://docplayer.com.br/195375534-Fanon-violencia-genero-traducao-de-preface-to-concerning-violence-spivak.html>. (Obra original publicada em 2013)

Endereço para correspondência

Fabrcio Ricardo Lopes

Rua Joaquim Nabuco, 2886, São Cristóvão. Porto Velho - RO, Brasil. CEP 76804-084

Endereço eletrônico: fabricioricardo.doc@gmail.com

Maria Juracy Filgueiras Toneli

Rua Douglas Seabra Levier, 100 apto 501, Trindade - SC, Brasil. CEP 88040-410

Endereço eletrônico: juracy.toneli@gmail.com

João Manuel Calhau de Oliveira

Centro de Investigação e Intervenção Social

Avenida das Forças Armadas, 1649-026, Lisboa, Portugal

Endereço eletrônico: joao.m.oliveira@gmail.com

Recebido em: 15/05/2022

Reformulado em: 11/08/2022

Aceito em: 29/08/2022

Notas

* Psicólogo (a), graduado (a) pela Universidade Federal de Rondônia, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

** Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

*** Professor Associado convidado no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Financiamento: O primeiro autor está contemplado com bolsa de Demanda Social da CAPES.

Este artigo de revista **Estudos e Pesquisas em Psicologia** é licenciado sob uma *Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 3.0 Não Adaptada*.